

OS PIONEIROS XIII

"Relembrar o passado é viver novamente. O presente que está aí é muito fantasiado"

(José Mundim Guimarães, o Nhozinho de Planaltina)

"Eu tenho saudade de nossa velha Planaltina"

Foto de MARCIA MACEDO



A Catira em Planaltina, tradição regional mantida no presente

Acidade de Planaltina, uma satélite anterior à própria fundação de Brasília, foi o tema de Os Pioneiros, em sua 13ª versão. Os pioneiros que lá foram entrevistados e cujos depoimentos reproduzimos hoje, na íntegra, têm uma história diferente dos outros primeiros habitantes da nova Capital pois suas famílias e alguns deles próprios já estavam neste Planalto muito antes de Brasília começar a se tornar uma realidade. Hoje, no horário das 21:15h, você poderá assistir pela TV-Nacional 14º programa de uma série de 20, que compõe Os Pioneiros.

Nhozinho — Relembro passado é viver novamente. O presente está aí, está muito fantasiado.

Tânia Quaresma — Fantasia de que?

Nhozinho — Muita novidade, muita coisa boa, né? Essa mocidade entusiasmada aí, andando pra baixo e pra cima aí, isso é bom, né? Esse entrosamento entre homem e mulher, isso é bom. Ficar meio retraiado não dá, né? Vamos botar pra enjambar, né?

Tânia — O Senhor acompanhou Brasília desde o marco inicial. Quantos anos o senhor tinha? O senhor se lembra?

Nhozinho — Eu tinha onze anos e me lembro demais. O Deputado Americano do Brasil veio representando o Presidente da República da época. Quando colocaram a pedra eu estava presente. Veio um contingente militar de Ipameri. A gente era muito criança, né?

Tânia — Ouvia-se falar na mudança da Capital?

Nhozinho — Todo mundo sabia que aquilo era o marco inicial da futura Capital. Ai eu perguntei a um tenente: O que significa esse marco aí? Ai ele respondeu: é o marco do morro da Independência para a edificação do futuro Distrito Federal.

Tânia — O Senhor não comprou terras em Brasília?

Nhozinho — Eu já tinha muita terra desapropriada. De Sobradinho pra baixo tudo era meu. Para ajudar a trazer a Capital para cá eu fui obrigado a vender barato. Para ajudar, não é?

Pois se o pessoal não ajudasse a Capital ia para o Triângulo Mineiro.

Tânia — Quando começou a construção o senhor ia lá?

Nhozinho — Muito pouco. Eu era funcionário público, não podia sair, né? Hoje é diferente, né? Funcionário larga a repartição, vai embora e pronto. Eu trabalhei para o governo durante quarenta anos, como coletor federal.

Tânia — E Planaltina? Como o senhor se sente aqui?

Nhozinho — A Planaltina nos saiu melhorou muito comercialmente, no sentido educativo também melhorou muito. Mas esta tudo muito arrochado. Como disse o Presidente, esse é o ano do arrocho. Vamos ver se vai dar para arrochar mesmo, né?

Tânia — O Senhor está arrochado demais?

Nhozinho — Uma cosa louca.

Tânia — O que mais lhe agrada em Planaltina?

Nhozinho — Bom, estou com 73 anos, eu nasci e me criei aqui. O que mais me agrada aqui é a tranquilidade. (...) Em 1965 começou a desapropriação aqui, não é? Eu acompanhei tudo isso. Com relação ao General Poli Coelho, ele se hospedou na chácara do Dr. Ozanah. Depois ele faleceu e veio o Marechal José Pessoa. Quando o Marechal José Pessoa chegou aqui não tinha nem um carro para levá-lo lá onde é o Cruzeiro hoje. Naquele tempo se chamava Alto da Mira. A Comissão Cruls, em 1893, colocou lá uma marca, que tinha comunicação com os Pireneus, em Pirenópolis. O

do mundo tinha suas coisas para comer. Depois começaram a chegar as pessoas de fora é que comecei a ficar assim. Mas eu acho até bom, pois é tão bom ajudar os outros, não é? Mas aqui não tinha esmoler não. Isso foi depois de Brasília, apesar de que **Brasília foi uma maravilha** para nos. Eu mesmo, como filha daqui, adoro Brasília. Achei que deu oportunidade a todos. Mas, tenho saudade da nossa Planaltina velha.

SALVIANO MONTEIRO GUIMARÃES, Administrador de Planaltina

Tânia — Qual sua relação com a criação de Brasília?

Salviano — Acho que é uma relação grande. Primeiro porque sou daqui, dessa região do Planalto Central. Sô não nasci aqui, nasci em Goiânia. Mas fui batizado aqui em Planaltina, no Morro da Capelinha, em 1943. E passei grande parte da minha juventude, no período de férias, aqui em Planaltina, percorrendo de jardineira a região onde hoje é Brasília, jardineiras que vinham de Goiânia, de Formosa, e Lelé, o Glauco Campelo, enfim, com toda a equipe que construiu a cidade. E praticamente aprendemos arquitetura construindo Brasília. Depois da construção de Brasília, continuei a morar na cidade, a vir a Planaltina. Para todos nós, que **passamos por aqueles chapadões** onde hoje está Brasília, tudo isso parece um sonho inacreditável.

Tânia — Você acha que a chegada da Capital tirou o goiano de sua vida tradicional, misturando muito seus valores?

Salviano — Evidentemente que tirou. Nós até podemos fazer uma busca na história. Planaltina era uma cidade pacata, do interior do Brasil, que vivia da economia do gado, que tinha suas ligações com as capitais, com o Rio de Janeiro e outras cidades, ligações essas espontâneas quando apareciam viajantes trazendo notícias novas, e Planaltina, enfim, tinha um certo equilíbrio econômico, social, político, e pelo exemplo de Planaltina nós podemos ver que, realmente, muitas das coisas do goiano, muito daquela sua tranquilidade habitual — porque o goiano desta região viajava em perfeita harmonia com a natureza, era um homem que tinha tempo, tempo para contar suas histórias, para viver, tempo para transmitir seus conhecimentos aos seus filhos. Naturalmente que a construção de Brasília retirou desse homem o pouco dessa sua paz e trouxe, evidentemente, outros benefícios. Planaltina, que era um exemplo dessa tranquilidade, se transformou. Grande parte da sua tranquilidade, da sua gente, das suas casas foram transformadas. O impacto de Brasília foi realmente forte. O planaltinense, embora tenha sempre lutado pela mudança da Capital, talvez ele não tivesse percebido tudo aquilo que poderia vir e tudo aquilo que poderia

E pelas minhas próprias origens, e por tudo o que eu conhecia da região, pelas viagens feitas por aqui, resolvi, na época, vir fazer o curso de arquitetura na Universidade de Brasília. Foi uma época belíssima a do inicio da construção, quando convivímos com Oscar Niemeier —

yer, o Lelé, o Glauco Campelo, enfim, com toda a equipe que construiu a cidade. E praticamente aprendemos arquitetura construindo Brasília. Depois da construção de Brasília, continuei a morar na cidade, a vir a Planaltina. Para todos nós, que **passamos por aqueles chapadões** onde hoje está Brasília, tudo isso parece um sonho inacreditável.

Tânia — Dizem que todo mundo que se formou aqui em Planaltina passou por suas mãos. A senhora era professora?

D. Heliacena PEREIRA DA COSTA, Professora

Tânia — Dizem que todo mundo que se formou aqui em Planaltina passou por suas mãos. A senhora era professora?

D. Heliacena — Era. Todo mundo não, mas alguns são médicos, engenheiros, farmacêuticos. Eu preparei a vinda de Brasília, formando esse povo, trabalhando no curso primário. Todos foram meus alunos.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, que parece que eraconde, lá na Chapada dos Viadeiros, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho